

JUNTO DO MAR

Que vezes viajando no Passado,
— Nas horas das torturas das Chimeras —
Meu bem! scismo nas limpidas esferas,
Junto do verde mar lento e chorado.

N'esses astros talvez já habitámos,
— N'outros tempos mais santos e felizes —
E ó nuvens, bem sabeis se entre as raizes
Dos mortos, para os sóes nos elevámos!..

Talvez que ali também lómos romeiros
Sedentos do Ideal — sem o encontrar!
— Melhor vós o sabeis, castos luzeiros!
Ó chorosa e sonora alma do mar!

Talvez ali também — riste, amorosa,
Cantando, entre as torturas assassinas,
Como as rosas que tapam d'uma lousa
As vãs e escuras inscripções latinas.

Talvez, tambem choraste nos caminhos,
E alegre riste, ás virações contrarias,
Como, ó meu bêm, ao sol, os passarinhos
Riem dentro das urnas funerárias.

Talvez! quiçá! Talvez!—O' mar eterno!
Tu que és sonôro e minas os rochedos,
Duro, sombrio, esguedelhado, lerno,
Como a rabéca cheia de segredos...

Tu que sabes d'antigas desventuras,
Tu que sabes chorar!.. que és musical!..
Dize se encontras mais amargo sal
Do que os prantos das nossas amarguras?

E comtudo, que és tu... mar lastimoso!
Guardando, como o avaro, um vão thesouro,
Doido, vago, cruel, mysterioso...
— Senão d'um mundo extincto um longo chôro!

E o que são essas vozes lacerádas,
E, ó gigante! essas vastas convulsões,
Senão... senão... mortaes lamentações
De cidades e egrejas sepultádas.

Que blasphemias, que chôros vem do fundo
Do teu peito tão largo e descontente!..
— São talvez das galês do Novo Mundo,
Ou dos ricos navios do Oriente.

Quem tem, na voz, suspiros mais convulsos,
E mais doridos, lúgubres lamentos,
Do que á tormenta e aos desgrenhados ventos,
— O mar cheio de *acédias* e soluços?..

E quem, como elle, assim nos dá confôrto,
Ou balsamos leaes, desconhecidos,
Alento e amor aos corações vencidos,
— E quem mais e melhor falla dos *mortos*!

.....
.....

Por isso eu irei *só* — ó Mar eterno —
Triste e *só*, escutar-te entre os rochedos,
Meigo, sombrio, esguedelhado, terno,
— Como a Rabéca cheia de segredos.

Talvez, tambem choraste nos caminhos,
E alegre riste, ás virações contrarias,
Como, ó meu bêm, ao sol, os passarinhos
Riem dentro das urnas funerárias.

Talvez! quiçá! Talvez!—O' mar eterno!
Tu que és sonóro e minas os rochedos,
Duro, sombrio, esguedelhado, terno,
Como a rabéca cheia de segredos...

Tu que sabes d'antigas desventuras,
Tu que sabes chorar!.. que és musical!..
Dize se encontras mais amargo sal
Do que os prantos das nossas amarguras?

E comtudo, que és tu... mar lastimoso!
Guardando, como o avaro, um vão thesouro,
Doido, vago, cruel, mysterioso...
— Senão d'um mundo extincto um longo chôro!

E o que são essas vozes laceradas,
E, ó gigonte! essas vastas convulsões,
Senão... senão... mortaes lamentações
De cidades e egrejas sepultadas.

Que blasphemias, que chôros vem do fundo
Do teu peito tão largo e descontente!..
— São talvez das galés do Novo Mundo,
Ou dos ricos navios do Oriente.

Quem tem, na voz, suspiros mais convulsos,
E mais doridos, lúgubres lamentos,
Do que á tormenta e aos desgrenhados ventos,
— O mar cheio de *acédias* e soluços?..

E quem, como elle, assim nos dá confôrto,
Ou balsamos leaes, desconhecidos,
Alento e amor aos corações vencidos,
— E quem mais e melhor falla dos *mortos*!

.....
.....

Por isso eu irei *só* — ó Mar eterno —
Triste e *só*, escutar-te entre os rochedos,
Meigo, sombrio, esguedelhado, terno,
— Como a Rabéca cheia de segredos.

DOENTE

A D. ALICE MODERNO

Podesse eu — junto a mim — eternamente
Sentir roçar, meu bem, o teu vestido,
E ó ventura! o teu bafo enfebrecido,
Teu doce olhar e o teu sorrir doente.

— Caia do monte o cédro, a grande molle!
— Que feneça a *herva prata* lá no val'!
Que me importa? E qual é meu grande mal
Que morra o cedro, ou a planta s'estiôle!...

Mas tu, meu bem, mais bella que a *herva prata*,
Banhada pelo orvalho transparente,
Não quero que te vás de mim, ingrata,
— Nem teu olhar, nem teu sorrir doente!

Mais depressa em mim vòe ave agoureira,
Ou que o sepulcro aváro me abra os braços,
Não veja herva crescer, apoz meus passos,
— E me excommungue a flor da lorangeira!

Mais depressa, em meu leito, morra o somno,
Não brilhem mais no ceo constellações...
Que as folhagens me lancem maldições.
— Nem hájam fructos para mim no outomno!

Mais depressa que a vinha que confórta
Me negue a sua sombra!... Noite e dia,
Não lúza para mim luz de alegria,
— E que a Tristeza durma á minha porta!

Por que tu, se te váes... no teu lençol,
Levarás, doce riso dolorído,
Como uns fios pegados n'um vestido,
Todos os raios d'ouro do men sol!...

E, em tudo, julgarei vêr teu vestido,
No mar, na estrella azul, nos céus, em tudo.
— E quando, acaso, a fronte erguer do estudo,
Faltar-me-ha o teu riso dolorído!..

Por que tu tens disperso em meu caminho
O teu sorriso triste... ah! triste e puro...
— E abrigarei depois... um odio escuro,
Mais rude do que um cardo, ou que um espinho!

E não mais, nada me ha-de consolar!...
Nem a estrella da tarde mensageira,
Nem o amor, nem a flor da lorangeira,
— Nem a sombria música do mar!

.....
.....

Ah! podêsse eu — meu bem! — o teu vestido
Sentir roçar por mim, eternamente.
E, ó ventura! teu báfo enfebrecido,
Teu doce olhar e o teu sorrir doente!...

N'UM CEMITERIO

Surgite mortui,

Apocolypticæ.

Invideo quia requiescunt.

Palavras de Lutero, no cemiterio de Worms.

Mortos! eu vos invêjo! — As frias lagens
Cóbrem-vos, hoje, os corações defeitos!..
As brancas pombas vôam n'esses leitos...
E as meigas aves triuam nas folhagens...

A Natureza enflóra os vis defeitos.
Ri nas estatuas, urnas, nas imágens,
E, ali emfim, contentes, satisfeitos,
Vós descansais das lívidas viágens!..

Mas comtudo, no inverno, á triste Morte,
Talvez seja mais duro o vento norte,
E lhe géle inda mais os ossos nús!..

Emquanto nós — ingratos, descuidados! —
Os deixamos chorar, abandonados,
— Os Astros, outro pó, mas feito luz.

A CASINHA BRANCA DO VALLE

A BULHÃO PATO

Meu amor! meu amor! os meus desejos
são vêr-te junto a mim...
estreitando-me ao peito, em rubros beijos,
no relvoso capim.

E, quando o vento agita as laranjeiras
pelas tardes de estio...
ouvir chilrar as aves nas balseiras,
ou lastimar-se o rio.

Meu amor! meu amor! casta andorinha,
o meu desejo éra
ter, entre os laranjaes, uma casinha
cheia de folhas d'héra,

uma casinha branca... com parreiras...
cheia d'aves e flôres,
— toda ornada de róseas trepadeiras, —
róseo ninho de amores!..

Nas telhas côr de grã ou nas janellas,
rôllas e pombos vários...
e em gaiólas, doiradas como estrellas,
mil trinos de canários.

As aves tropicaes, que teem nas pennas
arco-iris multicôres...
casarão as cântigas mais amenas
às essencias das flôres.

O laranjal cheiroso e as araucárias
crescerão á porfia:
e a begónia unirá suas côr's várias
á fúchsia macfa.

De manhã, pela relva inda orvalhada,
veremos os renóvos...
iremos lançar grãos á passarada,
e aos estorninhos novos.

Fartaremos as ágeis andorinhas,
 pousadas sobre a tilia,
 — sem esquecer as patriarchaes gallinhas,
 boas mães de familia ! . . .

A' tardinha, entre a rôxa bouganville,
 dos bons caramancheis,
 tu bordarás os teus bordados mil . . .
 — Eu, livros e papeis.

Migalhas deitaremos aos milheiros
 aos cysnes, na agoa clára,
 afagaremos nossos cães rafeiros . . .
 — mais a pompôsa *arára*.

Toda a casinha branca, entre os gorgeios,
 no poente côr de brasas . . .
 será risos, trinâdos, garganteios:
 — toda plantas e azas ! —

Emquanto, nos palacios brazonados
 de sessenta janellas,
 passeiam tôrvos, lívidos Cuidados,
 de olheiras amarellas . . .

nossas risadas, quaes pandeiros d'oiro,
logo, ao romper do dia. . .
farão sorrir a giêsta, o cacho loiro,
e a vivaz cotovia.

E, quando o pardo cão estruge o val',
com uivo aterrador,
ou que prateia a rama do olival
a estrella do pastor. . .

os zagaes, ao entoar branda harmonia,
na flauta agreste e franca,
dirão:— *É noite para nós, mas dia,*
lá, na casinha branca! . .

O TRISTE MONGE

A D. JOÃO DA CAMARA

Em uma cerca de arvores frondosas
de um convento de irmãos hospitaleiros,
passeia um monge, ás horas religiosas,
ouvindo os rouxinoes nos castanheiros.

E o jardineiro passa... e diz olhando
o monge entregue a soluções divinas:
— Que bella vida a d'este Venerando!
— Comer, beber, orar, cantar matinas!..

Mas n'uma rua de álamos fechada
—onde não entra o vão rumor da gente—
ante um retrato de mulher amada,
o monge chóra, silenciosamente.

Passam na rua, em passo lento e incerto,
as solemnes e hirtas procissões.
E o monge passa, no seu livro aberto,
lendo psálmos latinos e orações.

E o Vulgo diz, ao vel-o: — «Bello estado
o d'este monge pallido e tranquillo!
— Cantar psálmos ao povo prosternado!
— Depois das refeições, fazer o chylo!..»

Mas n'uma ermida góthica e fechada.
— onde não entra o vão rumor da gente —
ante um retrato de mulher amáda,
o monge chóra, silenciosamente.

Do seu escuro e hostil confessorio,
d'onde sáe um catholico terror,
fulmína imprecações o Solitario,
contra o pecádo lyrico do Amor.

E a penitente diz, laváda em pranto:
«— No vosso rosto calmo e socegado,
bem se lê que não tendes, monge santo,
assim como eu, um cçração varádo!..»

Mas, n'uma cella lúgubre e fechada,
— onde não entra o vão rumor da gente —
ante um retrato de mulher amáda,
o monge morre... silenciosamente.

A SENHORA DE BRABANTE

A ALBERTO CSÓRIO DE CASTRO

Tem um leque de plumas gloriosas,
na sua mão macia e scintillante,
de anneis de pedras finas preciosas
a Senhora Duqueza de Brabante.

N'uma cadeira d'espaldar dourado,
escuta os galanteios dos barões.
— E' noite: e, sob o azul morno e callado,
concêbem os jasmins e os corações.

Recorda o senhor Bispo acções passadas.
Fallam damas de joias e selins.
Tratam barões de festas e caçadas
à moda goda: — aos tóques dos clarins,

Mas a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
véla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

Dizem as lendas que Satan vestido
de uma armadura feita de um brilhante,
ousou fallar do seu amor florido
á Senhora Duqueza de Brabante.

Dizem que o ouviram ao luar nas ágoas,
mais louro do que o sol, marmóreo, e lindo,
tirar de uma viólla extranhas mágoas,
pelas noites que os cravos veem abrindo...

Dizem mais que na seda das varetas
do seu leque ducal de mil matizes...
Satan cantára as suas tranças pretas,
— e os seus olhos mais fundos que as raizes!

Mas a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
véla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

O que é certo é que a pallida Senhora,
a transcendente Dama de Brabante,
tem um filho horroroso... e de quem côra
o pae, no escuro, passeando errante.

E' um filho horroroso e jamais visto! —
Ractitico, enfêzado, excepcional,
todo disforme, excêntrico, malquisto,
— pellos de fêra, e uivos de animal!

Parêce irmão dos cerdas ou dos ursos,
abôrto e horror da brava Natureza...
— Em vão tentam barões, com mil discursos,
desenrugar a fronte da Duqueza.

Sempre a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
vêla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chôra a agoa...
Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

Ora o monstro morreu. — Pelas arcadas
do palacio retinem festas, hymnos.
Biem nobres, villões, pelas estradas.
O proprio pae se ri, ouviudo os sinos...

Riem-se os monges pelo claustro antigo.
Riem villões trigueiros das charrúas.
Riem-se os padres, junto ao seu jazigo.
Riem-se nobres e peões nas ruas.

Riem aias, barões, erguendo os braços.
Riem, nos pateos, os truões também.
Passeia o duque, rindo, nos terraços.
— Só chóra o monstro, em alto chôro, a mãe!..

Só, sobre o esquife do disforme morto,
chóra, sem trégoa, a misera mulher.
Chama os nomes mais ternos ao abôrto...
— Mesmo assim feio, a triste mãe o quer!

Só ella chóra pelo morto!.. A mágoa
lhe arranca gritos que a ninguem mais deu!
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

SENHORA DOS OLHOS VERDES

A E.

Senhora dos olhos verdes
teu olhar me torna louco!..
Attenta bem que me perdes,
mas d'alma não me desherdes
se o meu canto é triste e rouco.

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

Senhora dos olhos lindos
tem piedade de um louco.
A' sombra dos tamarindos,
Jesus, nos prados infindos,
amou, amou, sem biôco....

Senhora dos olhos lindos,
se tu me amasses um pouco!..

Bater-me-hia com gigantes,
no Adamastor déra um sôco,
só por teus olhos brilhantes...
que são quaes dois soes levantes,
verdes, da espuma n'um flôco...

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

Ando errante e mysantrôpo.
Fallam, não oiço, estou mouco.
Sou como que o heliotrópo,
e o lyrio altivo n'um côpo,
que acham tudo inglório e ôco.

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

Vagueio sem consciencia,
como um ébrio ou dorminhôco.
Só me falta a incoherencia,
de, em trajos de penitencia,
vestir-me de farricôco.

Senhora dos olhos verdes.
se tu me amasses um pouco!..

Quando eu morrer—chêque-mâte
que eu não temo, nem apouco,
digam:—*Eis um pobre vâte,*
que o amer tornou orâte,
que um verde olhar tornou louco.

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

A MORTA

À MEMORIA DA MINHA INOLVIDAVEL IRMÃ MARIA FAUSTA

«Cavalleiro da Dôr, peito deserto!
— disse-me a Sorte um dia — «acaso é certo
«que nunca um pranto no teu rosto cae?..
«Cavalleiro infeliz da côta escura!
«eu te farei chorar, estatua dura!»
E eu disse: — Exp'rimentae.

«Pôço do Orgulho! retrucou a Sorte,
«chamarei em auxilio a Angustia e a Morte.
— E o Pranto, a Angustia, a Dôr, tudo chamou.
«Soberbo coração, eis-me a combate!»
— E com sanhúdo e formidando embâte
a luta começou.

.....
.....

Alçado então, de pé, disse o Tormento:

«— Quem és tu, que és maior que o meu lamento?

«És um monstro, és um santo, heroe, abôrto?..»

«Quem és tu, triste irmão da tréva fátua,

«que és mais frio que a sombra e do que a estátua?»

E eu respondi: — Um morto.

«Sim, morto!.. repeliu o Desengano

«se perdeste a illusão do sonho humano,

«globo vil de sabão, um fumo, um véu!..»

«O que perdeste tu? clamou a Cova.

«Uma filha de um rei, galante e nova?..»

E eu respondi: — O céu.

«Se perdeste o teu céu, volve o Sepulchro

«ábro-te o peito, vêm! — Sou frio e pulchro.

«Meu largo peito todo o mal confôrta!

«Aliás, torvo, errante, sem abrigo,

«acharás em cada alma o meu jazigo.»

E eu respondi: — Que impôrta!

«Se perdeste o teu céu, disse a Floresta,

«passarás, sombra pávida e funesta,

«sem risos, prantos, beijos de ninguém.

«Se perdeste o teu céu, disse-me a Ossáda,

«virás rolar-te no lençol do Nada...»

E eu respondi: — Que tem!

«Se perdeste o teu céu, voltou a Morte,
«jámais avistarás no mar sem norte
«o bergantim do amor, trémula a falla...
«Homem da dôr, tornou-me a desdentáda,
«que boca ha de beijar-te a alma ulceráda?»

E eu respondi: — A valla.

«Se perdeste o teu céu — então baixinho
«gemeu, tremendo a flôr — no teu caminho
«jámais verás aquella *morta ideal*...
«que se soltou d'entre os maternos braços,
«como as pombas que vão pelos espaços
«em busca do pombal.

«Não mais encontrarás, ó miserando!
«esse vulto gentil, aéreo, e brando
«da tua *Irmã*, mais pura do que a Aurora...
«nem cingirás jámais, n'um longo abraço,
«aquella sombra errante pelo espaço,
«que talvez por ti chora!..

«Não mais escutarás, álma enlutáda!
aquella flebil voz, lenta e arrastada,
«queixosa voz que enternecia o ar...
«e aquellas débeis expressões profundas
«que outro tempo — ai de ti! — já moribundas,
«ouviste, devagar...

«Não mais a encontrarás, homem das dôres,
«ai de ti! ai de ti!.. nos sóes, nas flores,
«na paz do azul do céu, no amor, na lei...»
—Mas de súbito, aqui perdendo a calma:
«Basta! gritei.— Não me arranqueis a alma!
«Eu dou-me por vencido! E' vossa a palma!...»
E a chorar desatei.

A SÚPPLICA DE OPHÉLIA

Aquellas aparições alvas e sangrentas
que ali surgem, pertencem ao côro tragico
das Abandonadas. Escutemos a mais va-
porosa d'ellas...

G. L.

OPHÉLIA (*de mãos postas, ao principe Hamlet*)

Como se dóbra o cannavial gemente,
ao rijo báfo do Aquilão que o opprime...
minha alma dóbra, miserandamente,
em vão, pediindo ao teu desdem algente:
— Ai, não me abátas, como o vento o vime!

Se és o carvalho, que qual rei levanta,
no bosque, a rama para o Azul sublime,
que o raio affronta e o vivo sol quebranta,
— porque desdenhas a rasteira planta?..
— porque desprezas o oscillante vime?..

Tens verde a cópa e o tronco magestoso.
A seiva, a flux, força e vigor exprime.
Quanto mais forte, pois, mais generoso !
— Protége e ampara o cannavial choroso !..
— Estende a sombra sobre o fragil vime !..

Olha que eu sou o cannavial gemente,
que oscilla e treme... e o teu desdem opprime !
Ouve a minha alma, inconsoladamente,
em vão pedindo á tua mão potente :
— Ai, não me québres ! Que mal faz o vime ?..

DESPEDIDA AO SOL

Adeus, adeus, ó Sol, grão moribundo
Tão amado dos mysticos amantes!..
Vae dourando inda os ninhos e os mirantes
E os sinceiraes, o Mar, o velho mundo.

Vae! vae! ó astro lyrico! no fundo
Das aguas apagar-te!... Os teus instantes
São curtos, coração largo e profundo,
Mas da minha amargura semelhantes.

E no emtanto, astro de fogo, astro tyranno,
Se a tua chaga é funda, no oceano
Todo o teu sangue ali pódes lavar...

Mas eu recalco, ó Sol, meu mal no seio.
Peja-me o pranto e a mágoa!... e até receio
Que os ais da minha dôr vibrem no ar.

QUINTA PARTE

HUMORISMO

A ARANHA

A MONIZ BARRETO

N'um sonôro theatro antigo da Allemanha,
D'um violino aos ais, banhada de luz viva,
Surgía d'um covil uma grotesca aranha,
Dos banquetes do Som habitual conviva.

O ser sombrio e obscuro — ô meu amor! — não priva
Da adoração do Bello, a adoração extranha!...
E assim se embriagava a escura pensativa
Da lyrica emoção que nossa alma banha.

Mataram-a uma vez. — Não mais a pobre amante
Da Musica, surgiu aquella luz brilhante.
Foi-lhe o velho theatro a sua sepultura...

Assim preso tambem pela attracção que choro,
— Não te rias cruel! Ó idolo que imploro!..
Tu és o Violino... e eu sou a aranha escura.

NOVA BALLADA DO REI DE THULE

A ANTHERO DO QUANTAL

N'um paiz nada visinho...
Em Thule, até mui distante,
Houve outr'ora um rei farçante,
Um rei amigo de vinho.

Quando sua amante fiel,
Mimosa e cheia de graça,
Morreu, deixou-lhe uma taça,
Que semelhava um tonel.

Era tamanha a grandeza
Da taça que nada iguála.
— Ficava sempre, ao esgotal-a,
El-rei debaixo da mesa.

Quasi sempre ao lusco-fusco,
De noite, até horas mortas,
Folgava, as pernas já tortas,
Este rei velho e patusco!

Em noite d'agreste vento,
Na sua mais alta torre,
Pensando em que tudo morre,
Tratou do seu testamento.

A sua amisade cêga
Legava a todos dinheiro.
E a seu filho e seu herdeiro
Seu reino, seu povo... e a adega.

Da sua amisade em prova,
A todos dava uma graça.
Só aquella enorme taça
Levava El-Rei para a cova!

Um dia, os altos barões,
Fez juntar, para uma orgia,
N'uma sala onde curtia
As suas indigestões.

E ali, depois de libar...
Passados curtos momentos,
Começou a vêr, aos ventos,
Os seus castellos dançar.

Assoma, trocando o pé,
De taça em punho, a janella,
Mas n'isto, tropêça... e ella
Vae levada da maré.

E afunda-se... mas tal revez
Tomba o rei morto de mágoa.
— Era esta a primeira vez
Que a taça se enchia d'agua!

PHANTASIA D'UM ABORRECIDO

A FERNANDO LEAL

Eu vivo só, das multidões distante,
E tenho um tom solemne, grave, emphático.
Amo Flaubert, Gustavo Droz, e o Dante.
Sou misanthrópo, hystérico, limphático.

Sou phantástico, ativo, caprichoso,
E tenho uns paradoxos meus protérvos.
E, entre elles, conto um livro volumoso...
Em que explico o Remorso pelos nervos.

.....
.....

Às vezes, vou pensando, ó tranças negras!
Quebrados, sensuaes, olhos celestes,
Que has de ainda, entre as plantas verde-negras,
—Morar debaixo, um dia, dos cyprestes!..

E n'esses braços lisos, indolentes,
Hão de os vermes travar a escura guerra.
Hão de infundir pavor, inda, esses dentes,
—E de beijos fartar-te a immunda terra!

Teu rir, sem labios, metterá assombros .
—O' tu que fazes rastejar as lyras! —
E serão ossos nús teus lisos hombros,
Costumados ás leves cachemiras.

Que vezes scismo assim, quando tu passas,
E eu eston fumando ás portas dos cafés...
E que insultas as lépras e as desgraças,
Coberta de velludos e *plaquets*!..

E eu penso, ô corpo esculptural, perfeito!
O' corpo de Phryné cheio de graça!
Que has de ainda ser pútrido e desfeito,
E tornar-te azotáto de potassa.

E não terás então,—ô minha Impúra! —
Serenadas debaixo das janellas,
E escondida no pó da sepultura,
Terás medo dos olhos das estrellas.

Hontem, rojando estofos ruidosos,
Inclinada e indolente sobre o braço...
Contemplavas, com olhos cubiçosos,
— As contorsões e saltos de um palháço.

E eu, suffocando dentro os meus anhélos,
Soluçava d'amor, ó crua filha!
E exaltava-me o olor dos teus cabellos,
Onde escorrem perfumes de Manilha...

Mas eu heide vingar-me, ó tranças negras!
O' cansados, mortaes, olhos celestes!
Quando fôres, nas plantas verde negras,
— Morar debaixo, um dia, dos cyprestes!...

Quando morrer's, meu *nenuphar* d'um dia,
Açucena que puz no peito a abrir,
Farei da tua tez fina e macia
— Um prosaico barrete de dormir.

Farei da tua trança azevichada
Um *cachenez*, por causa dos catárros.
E será no teu craneo, ó minha amada!
— Que eu deitarei as pontas dos cigarros.

D'essa carne farei abertas rosas,
Que enganarão as brancas borboletas...
E os teus olhos — em jarras preciosas —
— Olharão, como duas violetas.

Farei da boca um cravo, que no *frack*
Porei sempre que eu saia de passeio.
E mandarei fazer um almanack
— Na pelle encadernado do teu seio.

Forrarei as paredes do meu quarto,
Com tuas longas cartas de namoro...
E ali passarei, de illusões farto,
— Como o avaro no meio do seu ouro.

E então tu serás *minha*, ó tranças negras!
Quebrados, sensuaes, olhos celestes,
Quando fôres, nas plantas verdes negras,
— Morar debaixo, um dia, dos cyprestes!..

EL DESDICHÁDO

A NARCISO DE LACERDA

Ninguém pôde dizer que mal eu tenho!..
Eu não amo a princeza da Golconda,
Nem da prisão livral-a é meu empenho,
Qual paladim da Távola Redonda.

E sinto-me ir minando... um mal estranho
Que ninguém sabe, e vista alguma sonda,
Me mata lentamente, como um lenho
Que vae levando, mar em fóra, a onda.

Todas as tardes fujo ao sol poente.
Recolho cedo a casa, e durmo quente,
E a Medicina já me desengana...

E o meu mal é d'amor... e a minha amada,
Uma Chinezta ideal, que vi pintada
N'uma taça de chá de porcelana.

A VALENTINA DE LUCENA

Eu tambem, já em tempos não distantes,
Fiz versos sensuaes e namorados,
Aos ocâsos de luz ensanguentados,
E á meiga e boa lua dos amantes.

E escrevi, pelos albuns elegantes,
Idyllios, em papeis assetinados,
E, como a luz dos ponches inflammados,
Fiz ôdes ideaes e extravagantes.

Mas hoje emfim mudei, e inda ha bem pouco,
A diva, por quem choro e vivo louco,
—A flôr, a flôr ideal das maravilhas...

A minha deusa de cabello preto,
Pediú-me, rindo, a graça d'um soneto,
— E eu mandei-lhe uma caixa de pastilhas.

PHANTASIAS

Tenho, às vezes, desejos delirantes
De a todos te roubar, meu lyrio amado!..
E levar-te, em um vôo arrebatado,
Aos paizes phantasticos, distantes.

À India, China, ou o Iran, e os meus instantes
Passal-os, a teus pés, grave e encruzado,
N'um tapete chinez avelludado,
Com flôres ideaes e extravagantes.

Nossa vida seria, — ó pomba minha! —
Mais leve do que a aza da andorinha,
E, nas horas calmosas, eu e tú...

Olhando o mar sereno, o mar unido,
Comeríamos os dois arroz cosido...
— Emballados n'um junco de bambú!

A BIOGRAPHIA DE SATAN

A TRINDADE COELHO

Eu vou contar a grande lenda escura
Do fulminado trágico da Luz...
Seu antigo esplendor e sorte dura,
Quando andava entre os povos da Escriptura,
E comprava os juizes de Jesus.

Elle é o Velho Mal, o Orgulho, o Enfado,
E sómente Satan é um pseudónimo.
É o auctor do Remorso e do Peccado,
O morcego da Bíblia, e o cão damnado
Que espancava de noite S. Jeronymo.

No tempo em que era bello, grande, e forte,
Fez a guerra dos astros contra Deus.
Tem-lhe sido inconstante e vária a sorte.
— Andava roto e pobre, por Francfort,
Nos bairros tortuosos dos Judeus.

Ó Anjo expulso, triste, e escarnecido,
Que foste mais fulgente do que o dia!..
Deus adorado em Delphos, mais em Gnido,
Ai! quem mais do que tu terá soffrido,
E teve essa ideal melancholia!...

Já Vier contra ti, perdendo o tino,
Fez dos seus crús libellos um açoite.
Fez-te sonetos lúbricos o Aretino,
E S. Thomaz contou o teu destino,
E as aventuras célebres da noite.

Quem dirá os espinhos que cingiste,
Quem pesará teu calix de agonias...
E quantos longos séculos carpiste,
Aquella luz que cáe magoáda e triste,
— Ó grão crucificado d'ironias!..

Eu sei que hoje estás morto ou retirado,
Ó corvo escuro e mau do firmamento!..
E que andavas no mundo, envergonhado,
Já doentio, calvo, e desdentado,
E que era o teu catárro a voz do vento.

Tu foste sabio, confessor, e medico
Nos tempos legendarios, medievaes.
Eras ás vezes mystico e prophético,
E o mocho que adejava escuro e tétrico
Nos conventos, egrejas, cathedraes,

Eu sei que foste tu que, um dia, impuro,
Tentaste a castidade de Rachel.
Em Delphos desvendavas o futuro,
E, cheio d'um pavor trágico e escuro,
Deixáste envenenar-te Daniel.

Em Sodóma, na noite derradeira,
Tentas as filhas sensuaes de Loth.
Fazes de Roma toda uma fogueira! . . .
E és tu mesmo que escolhes a fogueira,
A Judas, natural d'Iscrioth.

Foi *Elle* que abrasou na carne, um dia,
A tribu sensual de Benjamin.
—Prégou na cathedral d'Alexandria.
—Era pae d'um senhor de Normandia.
—Foi amigo de Nero e de Kain.

Ia tentar o asceta á sua cella,
Nos claustros escuros do Occidente.
Aos Magos escondeu, nos céus, a Estrella,
E andava disfarçado em sentinella,
Guardando o Justo, o Bom, o Resplendente.

Ao homem tinha uns odios velhos, tragicos,
E era elle o que andava entre as pelejas...
Corrompeu os conselhos areopágicos.
E fazia roubar, pelos seus magicos,
As hostias consagradas nas egrejas.

Fazia distrair a S. Clemente
Com a bulha invisivel de corceis...
E era elle, nas horas do poente,
Quem apagava as luzes, de repente,
Quando oravam nos templos os fieis.

Tomava, ás vezes, ordens e a tonsura,
E benzia as prostradas povoações...
Fazia a voz, então, austéra e dura,
Explicava os segredos da Escriptura,
E cantava, entre as lentas procissões.

Dava, n'um tom dogmatico, uma idéa,
E vinha discutir com S. Thomaz.
Iniciava os sábios da Chaldéa.
E, nos biblicos tempos da Judea,
Andava a intrigar Christo com Caiphaz.

Tem no rosto o descor d'um fulminado.
— Era mulher nas lendas monacaes:
Outras vezes gigante e corcovado,
E vagava, no mundo disfarçado,
Como os deuses, nas formas d'animaes,

Nas regiões serenas, luminosas,
Encontra-se inda os seus lúcidos rasros.
O' constellações felizes, piedosas!..
Inda, ás noites, choraes, silenciosas,
A grande lucta biblica dos astros?..

Nasceu nas doces, puras regiões?
— Ah! quem dirá onde nasceu Satan?..
— Nasceu entre as demais constellações?
— Commandava as flammandes legiões?
— E seria seu pae Leviathan?..

N'esses tempos do exílio as penas méstas
Jupiter não soffrêra inda proscripto...
Ápis não inventára suas festas,
Não errava inda Pan pelas florestas,
E não ladrava Ánubis no Egypto.

Pára, aqui, n'este ponto, a humana lista.
— Quem sabe se do velho Cáhos nasceu?...
Só quando, contra Deus, a lança enrista,
E' que segundo, o Eleito, o Evangelista
Não se acha mais o seu logar no Céu.

AGUA FURTÁDA D'UM ORIGINAL

Eu moro, allivo e só, n'uma trapeira,
Doce e alegre, onde as pombas deixam rastos...
Exposta todo o dia á soalheira,
E onde passo, dormindo, a vida inteira,
Nas visinhanças limpidas dos astros.

Como na era feliz das serenádas,
Das graves castellãs nos seus balcões,
E góthicas varandas recostadas...
— Vejo, em baixo, passar as cavalgadas,
Os enterros e as lentas procissões.

Professo o culto só do *far niente*,
Deitado, todo o dia, num colchão...
Na posição immovel d'um vidente,
Fumando o meu cachimbo, eternamente,
Com os tranquillos modos d'um sultão.

O filhas do *spleen* malfadadas
Vãs poesias, sem razão nem senso!...
O' *sebentas* do estudo empoeiradas,
E tristes quaes sultanas despresadas,
A quem o Grão Senhor não deita o lenço!...

E vós teias d'aranhas, inquietos
Tecidos, onde o sol brilha e reluz!...
O' Musas que inspiraes os meus sonetos!
Qual foi o deus, ó astros dos meus tectos,
Que vos creou ao seu *fiat lux*?

Sois vós que me escondeis, qual caracol,
E servís de cortina e bambinellas...
Quando eu declamo, involto n'um lençol,
E as visinhas que estão tomando o sol
A espreitar-me se põe entre as janellas!...

Ali tenho um cachimbo de cigano,
Sobre uns versos que fiz a uma Felicia.
E onde puz um retrato de Trajano,
Dentro d'um casacão diluviano,
Soffrendo como Cesar de calvicia.

Nas paredes estão phrases symbolicas,
E aqui e ali borrados a carvão :
— Uma Venus com ar de grandes cólicas,
— Um santo d'umas barbas apostolicas,
— E dous frades jogando o bofetão.

Mais ao pé, tenho as cartas de namôro,
E uma Biblia mui velha, onde no fim...
Se pinta o Padre Eterno, em nuvens d'ouro,
Tendo, n'um grande pé, chinello mouro,
E vestido com ar de mandarim.

Defronte, rí, sinistra. uma caveira,
A que puz uns bigodes com cortiça,
E d'um truão a loura cabelleira...
Que me acompanha a rir da vida inteira,
Como um Marte do Papa ajuda á missa.

Ao lado móra-me um visinho manco,
Que faz dos sinos único regallo...
E gosa da união d'um saltimbanco,
Que anda pintado de vermelho e branco,
E toda a noite canta como um gallo.

Defronte, uma vizinha costureira,
Doce lyrio, que treme a um vento vário...
Que canta a manhã toda e a tarde inteira,
E tem deixado cá para a trapeira
Duas vezes fugir o seu canario!...

Toda a noute o sineiro tem secrétos
Desejos de espreitar como é que eu passo!...
Imita o som dos sinos indiscretos,
E canta, n'um voz que abala os tectos,
Ao som das cambalhótas do palhaço.

E assim eu vivo só n'um trapeira,
Onde as pennas das pombas deixam rastros...
Exposta todo o dia á soalheira,
E onde passo dormindo a vida inteira,
Nas vizinhanças limpidas dos astros.

BILHETE D'UM ESTUDANTE

D'aquelle esguio telhado
— Onde tu sabes que eu móro —
Eu acho os astros d'um ouro
Já bastante mareado!..

Nenhum d'elles vale a trança
Dos teus cabellos compridos!...
Por isso meu peito lança
Ao ten telhado gemidos.

Se eu fosse Deus, minha amada,
— Dar-te-hia, Satan m'esfólle! —
Uma cartinha fechada,
Servindo de lacre o Sol.

Mas sou um predio em ruinas,
— Não tenho nada commigo!—
Sou um deus, feito mendigo,
Que tomo o sol às esquinas.

Divágo, roto e contente.
— Odeio um lente... e o Philyntho!
E, sob este azul clemente,
Triumpho, alegre e faminto.

Meus deuses são Vico e Dante!—
E gosto, no meu caminho,
Encontrar Minerva amante,
E as Musas cheias de vinho.

Como um barco sem amarra,
Navégo, turgidas vellas.
E desafio as estrellas,
A' noite, sobre a guitarra.

E a cabelo louro ou a preto,
—Fragilidades do barro!—
Envio sempre um soneto,
Na mortalha d'um cigarro.

Vágo sem norte e sem tino.
— Ninguém m'estende o seu braço! —
Quer-me por força o destino
Commendador ou palhaço.

POST-SCRIPTUM

Desculpa-me, flôr amada,
— Ó minha Musa divina! —
Não fui hontem á escada,
Por que empenhei a batina.

A LADY

Aquella que me tem, agora, presa
Minha alma, meus sentidos, meus cuidados...
E me faz sonhar sonhos desmanchados,
É uma altiva e olympica ingleza.

Nunca typo ideal de mais pureza
Vi nos góthicos quadros mais presados...
Seus dôces olhos castos e velados
Teem um ar, infinito, de tristeza.

Tem uns gestos de deusa que caminha,
Fronte grega, e um ar grande de Rainha,
E umas mãos, como as ladys de Van Dyck...

Ségue-a sempre um laçao, e tristemente,
É por ella que eu morro, lentamente...
E ponho no bigode *cósmétique*.

DEDICATÓRIA D'UM LIVRO

A Ti, a quem eu sempre, em meus idyllios,
Sublímico, em phrases ternas,
Te dedico, eu, vergonha dos Virgílios!
Estas rimas *modernas*.

Para que, minha fama, inda hoje escura,
A tua bocca espalhe,
Ao lê-las, no intervallo da leitura
Das obras do *Terrail*.

E as guardes na gaveta, onde costumás
Guardar os teus velinos. . .
Entre os frascos, essencias, mais as plumas,
E os novos figurinos.

Que possam ocupar teus pensamentos
Meus lyricos ensaios!..
E, ó meu hem! lhes concedas os momentos
Que dás aos teus laçaios.

E vejas quanto em mim é aviltante
O amor das fórmas tuas...
Que me faz baixo, vil, e semelhante,
Aos histriões das ruas.

A Ti, que com teu rir sempre me animas
A sagrar-te em meus môtes,
Dedico eu estas modernas rimas,
Para os teus... *papelótes.*

HUMORISMO MYSTICO

AO DR. THOMAZ DE CARVALHO

Quando eu morrer, se acaso inda presares
Aquellas nossas digressões antigas
Ao verde campo, e as joviaes cantigas
Da aldeia inda apagar os teus pezares...

Se, acaso, inda a giesta, o rosmaninho,
A lorangeira e o grande muro branco,
Te lembram... e te vâes sentar no banco
A's tardes... junto ás tilias do caminho!..

Se, acaso, aquelle nome solitario
Que eu fui gravar um dia no pinheiro,
Vinha descendo o sol... como um guerreiro
Cheio de sangue... atraz do campanário...

Se, acaso, aquelle nome o tronco duro
Inda o guardou fiel... e a lorangeira...
E eu não passei por este valle escuro
Como uma ave lúgubre e estrangeira!..

Se acaso inda te lembras d'esse, a quem
Tanta vez tu vestiste com as tranças...
E, á cova, em que eu jazer, vier *alguem*,
Sem ser as meigas pombas e as creanças!...

Se acaso aquelle fogo em que te abrasas
Inda não se apagou!.. nem o encanto!..
— Mais que a ideal palpitação das azas,
Ser-me-ha doce, meu bem! ouvir teu pranto.

E n'essa cova então bella e dourada,
— Como a nossa união antiga e calma —
Colhe tu uma flor branca e raiada...
Que n'essa flor occultarei minha alma.

Toma cuidado n'ella... Ali se encerra
O que amaste!.. e, ai! não vás como as mulheres,
Curiosas d'amor, lançando á terra
As folhas virginaes dos *malmequères*.

Planta-a dentro d'um vaso predilécto.
Entre os outros, á luz... sobre a sacada...
E eu gosarei como um prazer secreto,
— Sentindo a tua mão pequena e amada!

Será esse o meu goso derradeiro!
O meu sol, meu azul, o meu espaço!
E, ao sentir-me *regar* pelo teu braço...
Lembrar-me-ha o teu osculo primeiro.

Lembrar-me-ha a giêsta, o rosmaninho,
A lorangeira e o grande muro branco,
— E quando iamos falar, no velho banco,
Ás tardes... junto ás tilias do caminho!

O CANNIBAL

A CESARIO VERDE

Tenho, defronte, uma visinha loura,
Cuja carne alva, fina, e setinosa,
Faz lembrar, quando à tarde o sol descôra,
A côr humana pallida da rosa.

Não é fragil, nem debil, vaporosa,
Como as virgens mortaes que a luz não doura...
Antes é forte, esbelta, a voz sonora,
— Tranquilla e altivamente magestosa.

Nasceu formada assim para os amores:
E o modo com que réga as suas flores,
Na varanda, a sorrir, não tem rival...

Ao vê-la, os D. Juans baixam a fala.
— Mas quanto a mim... quizêra *devoral-a*
Côm a fome imbecil d'um cannibal.

ROMANTISMO

Quando ergue o transparente da janella,
Ou que o seu quarto se inundou de luz,
Eu amo vel-a, seductora e bella,
— Longos cabellos sobre os hombros nús.

Oh como é bella! e como a fico a olhar,
Dos seus cabellos desatando a fita! . .
Lembram-me as virgens que do austéro Ermita
Vinham as noites d'orações tentar.

Oh como é bella! — Tem na luz do olhar
Quaes violetas quando as fecha o somno,
Não sei que doce e languido abandono,
Não sei que vágo que nos faz scismar! . .

Como eu a espreito, palpitante o seio,
Como eu a sigo nos seus gestos vários,
N'aquelle quarto, aquelle ninho cheio
Da doce voz dos joviaes canarios! . . .

Como eu quisera ser, nos sonhos d'ella,
Um rei das lendas, o fatal *D. Juan*,
Pirata mouro, em galeões á vella,
Com minarêtes sob o ceu do Iran!...

Como eu quizera — e que vontade intensa! —
Só pelo brilho d'essa longa trança,
Ser cavalleiro de invencível lança,
Ou rei normando d'uma ilha immensa!..

Como eu quizera, no seu pensamento,
Ser o rei bardo no rochedo duro,
E ambos, fugindo, recortar o vento,
Sobre a garúpa d'um cavallo escuro!...

Se me morresse, que comprido choro!
Como vergára sob a cruz de Malta!
Como eu deitára a minha taça d'ouro,
Por causa d'ella, d'uma torre alta!...

.....

E assim por ella fico preso, em quanto
O sol s'esconde no occidente triste...
Um cravo murcha, n'uma jarra, a um canto,
— E as aves vôam, debicando o alpiste.

AVENTURAS

Tenho bem fundo, ainda, a sua imagem
Gravada na minha alma. Era alta e bella.
Tomei *cognac* muita vez com ella,
E aos circos a levei de carruagem.

Era nervosa e lyrica. De pagem
Não faltavam *Destins* áquella Estrella.
Lembra me ainda a scena da janella,
E aquella em que morria na estalagem.

Depois viajou muito. — Foi a Hespanha,
A França, Italia, Londres, a Allemanha,
Teve um naufragio, junto de Delhí...

Um corsario vendeu-a na Turquia.
— E hoje ahí, vive emfim, e leva o dia
A enxotar as moscas d'um *kadi*.

INCONVENIENTE DE MATAR A MULHER

A ALEXANDRE DUMAS, FILHO (1)

Matei-a!.. Sobre o leito desmanchado
Morreu!.. Mas o remorso me povôa.
E, agora, vâgo solitario e â tôa,
N'uma tristeza immensa despenhado.

Quando o punhal no arminho immaculado
Enterrei... Sempre a mágoa me corrôa!
Ella chorou, gritando-me... *Perdôa!*
Morro!.. e morreu!.. O' lyrio ensanguentado!

E agora aonde irei? Horror! Tortura!
O cêo é o seu olhar! A noite escura
Lembra-me sempre o seu cabello preto...

E, ó supplicio dos crimes verdadeiros!
— Ouço, em chusma, gritarem-me os livreiros:
Quando é que sâe agora o seu folheto?..

(1) Este soneto foi dedicado a Dumas, filho, pela occasião da celebre questão do Homem-Mulher, que deu origem a um diluvio de *folhetos*, publicações.

UM BLASÉ

A SANTOS NAZARETH

Olhando o mundo, assim com ar d'enfado,
Casaco abotoado e de luneta,
Camínha, com ar grave, no Chiado,
Com ar de quem achou algum planeta.

Dizem que nutre uma paixão secréta
Este Mussel dos homens ignorado!..
E pulsa um coração esphaceládo,
Ali, debaixo da casaca preta.

A todos diz ha muito andar *blasé*.
E falla em vasar copos d'absyntho,
Como quem bebe orcháta ou capilé...

Mas, Bacho! ó ceus! perdõem-me se minto!..
Refêrem que uma noute, n'um café,
Acharam-o a libar do... *vinho tinto*.

O VELHO

D'entre os males crueis da Humanidade,
A que os vís animaes estão sujeitos,
Nenhum mais triste e cheio de defeitos
Do que a dura e imbecil senilidade.

N'esta quadra de prantos e saudade,
Ha velhos, d'alvas barbas sobre os peitos,
Que nos fazem lembrar, pelos seus geitos,
Orango-tangos de provécta idade.

E eu vi um velho assim!... Seus fortes braços
Tinham como a rijesa dos bons aços,
E os seus gestos seriam d'um guerreiro...

Se não fossem seus labios já sem dentes,
Fazendo uns gestos cómicos, ridentes...
— Como um macaco em cima d'um coqueiro.

O PAE DA HUMANIDADE

Nos troncos colossaes dos cédros d'outra edade,
pelos grandes cipós, pelos bambús gigantes,
— foi onde marinhou o Páe da Humanidade.

Já tinha o mesmo gesto e as mãos erguidas, d'antes.
Já tinha o mesmo aspecto e o mesmo rir sardónico
quando via passar os grossos elephantes.

Foi elle que, ao surgir d'aquelle mundo harmonico,
formoso, colossal, nas sonóras florestas,
primeiro fez ouvir o grande Riso Irónico.

Elle assistia então da Natureza ás festas.
Trepava nos bambús, corria nas folhagens,
e, ao meio dia, dormia as confortaveis séstas.

Já era então o Rei d'essas virgens parágens.
Tinha inventado a caça e ia fazer a guerra
levando, em batalhões, presbyteros selvagens.

Tudo lhe obedecia: o estreito valle e a serra.
Rugiam os leões — e os tigres e os chacacs
tremiam, ao passar o Ancião da Terra.

Com seu nodoso páo corria os bambuaes.
Dava inicio á primeira e nova sociedade,
e o seu jugo assentava aos outros animaes.

Taes estas reflexões, modernas na verdade,
eu commigo fazia, um dia, contemplando
um filho dos sertões que expunham na Cidade.

Elle era velho e ruivo: o olhar profundo e brando:
o riso sensual, e desdenhoso e ufano,
— tinha as pernas em cruz, como um fakir scismando.

Olhava, com desdem, o hostile vulgo profano.
E a escoria, as multidões, miravam com respeito,
— comer uma banana o Páe do Gén'ro Humano.

O Burguez trivial, solemne, satisfeito,
que a toda parte vai, sorria-se contente
dos gestos do Macaco — e ria a cada geito,

Apupáva-lhe a cauda e a mimica coerente.
E arrojava-lhe, a rir, com seu sorriso alvar,
caroços e avelãs, puxava-lhe a corrente.

O filho dos sertões com seu tranquillo olhar,
parecia-lhe dizer: — Ó sórdido Vindouro
dos que ergueram primeiro as suas mãos ao ar!..

Tu és a nossa nóbia, e unico desdouro.
—Porque crês valer mais, néto degenerado?..
—Talvez por tua pança e tua burra d'ouro!

Que tens feito de bom, de justo, de sagrado?
Que sabes tu de Deus, que sabes tu do mundo,
—senão se as inscripções desceram no mercado?..

Porque crês o Macaco um ser abjecto e immundo?..
Talvez porque não tem teus candidos peitilhos,
e não conhece as quatro operações a fundo!

Porque dos teus botões não tem inveja aos brilhos.
Porque não dá saraus, porque nos seus sertões
não costuma ensinar o contrabando aos filhos!

Deixa pois, meu burguez, estultas presumpções.
Não te rias de nós, nem zombes de Littré,
—nem Darwin, immortaes macacos-perfeições!

Não tenhas pejo em ser filho do Chimpanzé.—
Peór é, quanto a mim, crê isto piamente,
roubar cada vez mais no grão e no café.

Mas o Burguez cruel, sem ver o olhar ardente
do venerando Ancião—como os seus semelhantes—
cada vez ria mais, interminavelmente.

Pungia-o d'irrisões e ditos cruciantes.
E renegando a Historia, o Homem, todos nós,
atirava-lhe a rir caroços sibilantes...

— apedrejando, n'um, todos os seus Avós.

SEXTA PARTE

RUINAS

FARRAPOS

A OLIVEIRA MARTINS

A ALMA

Já estou lassa de ti, mundo em ruínas.
Velho mundo cruel, nada m'ensinas
De grande ao coração.
Acaso estás tão gasto e gangrenado?...

A CARNE

— Ah como é bom, sob este azul arcádo,
Fazer a digestão!

A ALMA

Prefiro antes cerrar-me solitaria
A sós e o ideal, ó visionaria
Grande ambição do bem!
Como é que o vicio affronta as violetas?..

A CARNE

Que olhos tão sensuaes que tranças pretas
Que aquella mulher tem?..

A ALMA

Cansada de soffrer, em vão aneio
O Jústo, o Bello. — O' terra, abre-me o seio,
Bastante, emfim soffri!
Estou lassa do Vicio e da Impostura!..

A CARNE

Dizem que a terra é fria, a cova escura,
E tudo acaba ahí!

A ALMA

Estes tempos são vis e sem virtude.
Os corpos sem valor e sem saude.
Os peitos sem amor.

A CARNE

Mas ha *corpos* mui brancos e perfeitos.
Olhos cheios de luz — formosos peitos,
Tranças de negra cór!..

Ha noites de prazer pelo caminho.
E abunda muito velho e forte vinho
Sem ser falsificado!..

Nem tudo é luto e dôr. — Ha muito riso.
— E é mais quente que o antigo Paraíso
O peito do Peccado!

A ALMA

A Morte, a Morte, é o termo das tristezas.
E' ali que emfim livres das torpezas,
Se pode ser feliz...

A CARNE

Mas, mau grado essas nobres *theorias*,
— O que passar por mim, findos dous dias,
Taparé o nariz!

A ALMA

O que importa? — Melhor é que pereças!
Antes na terra ali tu apodreças...
Do que eu, n'estas paixões!..

A CARNE

Assim será talvez. Santas doutrinas!
Mas as pernas gentis das dançarinas
Teem grandes tentações!...

A ALMA

Calculos vãos. Contemplações pequenas.
— Seculo vil d'aspirações terrenas,
Kain do Pensamento
Mátas as creanças e os bons sonhos puros...

A CARNE

Vou vér se ponho um capital a juros,
Quo dê *cento* por cento!

A ALMA

Hontem, foram levar á sepultura
Uma santa mulher formosa e pura,
Celeste, livre d'eros...
Tão virginal!.. Ninguem lhe orou na cova!

A CARNE

Mandei fazer uma casaca nova
Para os grandes enterros.

A ALMA

Nada é mais triumphante que o Egoismo,
A ambição de brilhar, o vil cynismo,
E, n'este carnaval...
Custa a encontrar um peito bom, sincero.

A CARNE

Foram-se os castellões e o negro clero.
— Saúde ao *Capital!*

A ALMA

O Capital, bem sei! — A eterna historia
Do assassinio das honras e da gloria,
Do Talento e da Idea.
— Vil raça de tyrannos e bandidos!...

A CARNE

Silencio! que as paredes tem ouvidos!..
— Cuidado na Cadeia!

A ALMA

Tem quebrantado as almas, as mais fortes.
— Tyrano algum jámais fez tantas mortes,
Nem mais vis proscricções ! . .

A CARNE

Talvez! Talvez! Mas fez, na Sociedade,
Guardar a Lei... firmou a *Propriedade*,
O juro e as *inscripções!*

A ALMA

E' elle o protector dos seus direitos.
— O' nobres corações, sem fel nos peitos,
Simples, castos, e bons...
Deixae-vos fuzilar por essas ruas.
Que vos afoguem as creanças nuas,
Sem sangue e sem *coupons!*

Deixae que o *senhor* goze — O' Natureza,
Curvae-vos, passa agora Sua Alteza
Que o mundo assim dispôz.
Callae-vos, rouxinoes melodiosos ! . . .

A CARNE

Não sei por quê! — São muito saborosos
Cosidos com arroz!

A ALMA

Velho Bezerro d'ouro sóbe ao throno.
— O' alma escura, ó terra, ó abandono!..

A vil devassidão...
Róe-vos mais que o bolôr, mundo em farrápos!

A CARNE

Se as meigas andorinhas mais os sapos
Fizeram união!..

A ALMA

E' isso! O Capital faz maravilhas.
Elle bem sabe ás Mães comprar as filhas,
Dal-as ao lupanar,
Roubar as crenças, honras, a saúde!..

A CARNE

Não fazem mais, amantes da Virtude,
Que dar-lhes de jantar!

A ALMA

Quantas tristes que a tísica asphixia,
Sem pão, sem ar, cosendo noute e dia,
Vão nas garras do açôr...
Cair cheias d'opprobrios e martyrios!

A CARNE

Obedecem os sapos mais os lyrios
A' lei do eterno amor.

A ALMA

Isto está desabando!... Homens cruentos,
Lançaê ao mundo novos fundamentos.
Venha o Direito e a Lei,
Venha armada a Justiça vingadora,
E que na grande ceifa... a espiga loura...

A CARNE

Que horror!... bem sei! bem sei!...

A ALMA

Visões, visões talvez. Mas préso e adoro
Estes sonhos vermelhos e côr de ouro
De Luta, Vida, Acção.
Se não fosse inda a crença santa e ardente...

A CARNE

— Deixa-me louca em paz, e emfim consente
Que faça a digestão!..

AOS VENCIDOS

Quando é que enfim virá o claro dia,
— O dia glorioso e suspirado —
Que não corra mais sangue desperdiçado
A' luz do Sol que os mundos alumia?!

Que os *vencidos* não vejam a agonia
Do seu tecto de colmo incendiado,
E se ouça retumbar o monte e o prado,
Ao tropel da veloz cavallaria?...

Quando é que isto será?... Quando na vida,
Virá ella, a doce hora promettida,
Hora cheia d'amor e desejada...

Em que fataes Kains, fartos da guerra,
Nosso sangue não beba mais a terra
— E nem mesmo a Justiça use d'espada?

O MUNDO VELHO

Nas crises d'este tempo desgraçado,
Quando nos pomos tristes a espalhar
Os olhos pela historia do passado...
Quem não verá, contente ou consternado,
— Mundo velho que estás a desabar! —

Sim! tu estás a morrer, vil socio antigo,
E Pae de nossos vicios e paixões,
Camarada dos crimes, torpe amigo!..
— Morre emfim, correrá no teu jazigo,
Em vez de vinho, o sangue das nações.

— Deves morrer, provécto criminoso!
— Tens vivido de mais, vil animal!
Tu estás velho, cansado, e desgostoso,
E, como um velho principe gotoso,
Ris, cruelmente, ás convulsões do mal.

— Que é feito do teu Deus, do teu Direito?
— Onde estão as visões dos teus prophétas?
— Quem te deu esse orgulho satisfeito?
Monstruoso Caipház, junto ao teu leito,
Morrem, de balde, os gritos dos poétas.

No tempo em que eras forte, foi teu braço
Que apunhalou os sácos ideaes!..
Hoje estás gordo, sensual, devasso,
E vágas, torpe a rir, como um palhaço,
N'um circulo lúscido de punhaes.

Tu tens vendido os justos no mercado,
Crucificado o nobre, o bello, o bom.
Vaes cabir templo pôdre e abandonado,
Não á voz do Jesus ensaguentado,
— Mas ao verbo nihilista de Proudhon.

E' Elle que te arrasta ao teu jazigo.
Andas vergado á sua maldição—
Cambaléas ao funebre castigo,
E passas corcovado, como o antigo,
Escravo, sob o lenho da paixão

O seu grande clarão inda l'inunda.
Fulminou-te, morcégo, a sua luz. —
Marcou-te a consciencia rôta e immunda,
E a chaga que te abriu é mais profunda
Que a do lado direito de Jesus.

Nenhum deus, já ninguém póde cural-a.
Has-de morrer, caído amphytrião!
E' essa a dôr eterna que te rala.
— Manda erguer o caixão na tua salla,
Prepara o funerário cantochão.

Tu tens quebrado os peitos mais robustos,
Tens dado aos santos o vinagre e o fel.
— Bom convivá de Nero e dos Procustos,
Andas ebrio do sangue de mil justos,
De mil sabios... do Christo e do Rossel.

Tens talhado a teu modo a Sociedade.
E por isso o infeliz que te condémne!
Ensanguentaste as mãos da Mocidade,
Nunca amaste o Direito ou a Equidade,
Matas Vallés..... deixas viver Bazaine.

Tu viveste contente e agasalhado
Entre os brilhantes e as visões do gaz.
— Bem te importava a neve... e o ar gelado,
O Frio, a fome... E' tepido o Peccado.
Calvo amigo!... venceu-te Satanaz!

Tornaste o Templo casa de penhores.
— Mas ninguém ora a Deus nas cathedraes —
Pois quê, cheios de lastimas e dôres,
Nós lemos mais nas pétalas das flores
Do que em todas as folhas dos missaes.

Morre, morre, ó maráo, sem um gemido.
— Nem podes aprumar as mãos aos ceus!...
Ha muito que ris d'isso, aborrecido.
Em nada crêste, em nada! — Adeus vencido!
Morre ahí como um cão! — Vencido, adens!

Morre, morre; palacio esburacado.
Cheio de hervas, caruncho, e de bolor!
— Adeus, velho navio destroçado!
— Morre! antigo conviva do peccado!
— Fallou-te sempre Deus, a Lei, o Amor.

AOS VENCEDORES

Visto que tudo passa e as épicas memorias
Dos fortes, dos heroes, se vão cada vez mais,
Que tudo é luto e pó, ó vós que triumphaes
Não turbeis a razão nos vinhos das vãs glorias!..

Não ergais alto a taça, á hora dos gemidos,
Esquecidos talvez nos gosos, nos regallos.
E não façaes jámais pastar vossos cavallo
Na herva que cobrir os ossos dos vencidos!..

Não celebreis jámais as festas dos noivados
Não encontréis, na volta, os lugubres cortejos.
E se amardes, olhae que ao som dos vossos beijos,
— Não respondam da praça os ais dos fuzilados!

Sim! — se venceste emfim, folgae todas as horas.
Mas deixae lastimar-se os orphãos, as amantes.
Nem façaes, junto a nós, altivos, triumphantes,
Pelas ruas demais tinir vossas esporas!

Pois toda a gloria é pó! Toda a fortuna vã! —
E nós lassos emfim dos prantos dolorosos,
Regámos já demais a terra — ó gloriosos
Vencedores, talvez, — *vencidos d'amanhã!*

A CANALHA

Eu vejo-a vir ao longe perseguida,
Como d'um vento lívido varrida,
Cheia de febre, rôta, muito além...
— Pelos caminhos asperos da Historia —
Enquanto os Reis e os Deuses entre a glória
Não ouvem a ninguém.

Ella vem triste, sò, silenciosa,
Tinta de sangue, pallida, orgulhosa,
Em farrapos, na fria escuridão...
Buscando o grande dia da batalha.
— E' ella! E' ella! A lívida Canalha!
Kain, é vosso irmão!

Elles lá vem famintos e sombrios,
Rotos, selvagens, abanando aos frios,
Sem leite e pão, descalços, semi-nus...
Nada jámais, sua carreira abranda.
—Fizeram Roma, a Inglaterra e a Hollanda,
E andáram com Jesus.

São os tristes, os vis, os oprimidos.
— Em Roma são marcados e batidos,
Passam cheios de vastas aflições.
Nem das mesas lhes deitam as migalhas.
Morrem sem nome, ás vezes, nas batalhas,
E andam nas sedições.

Veem varridos do lívido destino.
Em Roma, a velha Grecia, erram, sem tino,
Nos tumultos, enterros, bacchanaes...
Nas praças e nos porticos profundos,
E disputam, famintos e immundos,
O lixo aos animaes.

São os parias, os servos, os *illótas*.
Vivem nas covas humidas, ignótas,
Sem luz e ar arrancar-lhes as mães.
— Passam curvados nas manhãs geládas.
E, depois de já mortos, nas calçadas,
Devóram-os os cães.

Elles vem de mui longe... vem da Historia,
Frios, sinistros, maus, como a memoria,
Dos pesadellos tragicos e maus.

— Eu oiço os reis cantando em suas festas.

E *elles, elles* — maiores do que as florestas —
Chorarem nos degraus.

E' uma antiga e lúgubre legenda.

— Vão sempre, sempre avante, em sua senda,

Sublimes, rindo heroicos, rôtos, vis...

Cheios de fome, ás luzes das lanternas,

Cantando sujas farças nas tabernas,

Chorando nos covís.

Alguns dormem em covas quaes serpentes.

Vogáram entre os povos e entre as gentes.

Vergados d'um remorso solitário.

— Sabem, de cór, os reinos devastádos.

E, vieram talvez ensanguentados

Da noite do Calvario.

Teem trabalhado, occultos, noite e dia.

O' reis! ó reis! as luzes d'esta orgia,

De repente, que vento apagará!...

— Corre no ar um écho subitaneo.

E escuta-se, feroz, no subterraneo,

O riso de Marat.

Chega, talvez, a hora das contendias.
O' legionarios! desertae as tendas,
Já demólem os pórticos reaes
Os que teem esgotado a negra taça.
— Cantam ao vento, os psalmos, da *Desgraça*,
E a historia dos punhaes.

Vão, ha muito, na sombra foragidos,
Pelas neves, curvados e transidos,
Em quanto Deus se aquéce nos seus Ceus.
Vem do Sul uma lugubre toáda.
E escuta-se Rousseau, na agua furtada,
Gritar: — *Que me quér Deus?*

Erguem-se ebrios de mortes, de vinganças.
Assoma lá ao longe um mar de lanças.
Resôam sobre os thronos os machádos.
E a Europa vê passar, cheia de assombros,
Ferozes, em triumphos, aos seus hombros,
— Seus reis esguedelhados.

Á voz das legiões rôtas, sombrias,
Desábam pelo mundo as monarchias.
Tremem os graves bispos. — E depois...
Que mais farão? perguntam, desolados.
— Vão ser inda depois, crucificados
Os deuses e os heróes.

.....
.....
.....
.....

Vão prolongada a dissonante orgia.
No silencio da noite intensa e fria,
Vem uns echos perdidos de batalha,
Como uns ventos do norte impetuosos.
— São os passos, nas trevas, vagarosos,
Os passos da *Canalha*.

Elles veem de mui longe, mui distantes
Como sonóros batalhões gigantes,
Como ondas negras d'um sinistro mar,
N'uma viagem tragica e sem gloria.
— Ha muito, pela noite da Historia,
Que os oiço caminhar,

Quem sabe se virão?.. É longa a estrada.
D'esta comprida e aspera jornada
Quem sabe quando, enfim, descançarão?
As pedras atapetem-lhes com flores.
Lá veem queimados, rotos, vencedores,
Altivos e sem pão!..

Não raion inda o dia da Justiça.
Mas, breve, talvez, se oiça a nova missa,
E a Liberdade emfim junte os seus filhos.
Vão talvez vir os tempos desejados!
— E, então, por vossa vez, ó reis sagrados,
Saúde aos maltrapilhos!

O NOVO LIVRO ⁽¹⁾

Vou cantar novos casos dolorosos,
E navegar n'outro épico Oceano,
Novas vellas soltar. — O ouvido humano,
Que se preste a meus cantos vigorosos.

Por que eu fulminarei os crapulosos,
O fanatico, o Escriba, o Publicano,
E arrastarei á luz — como um tyranno,
O santo d'olhos doces e amorosos.

E, por tanto, homens cheios de vaidades,
Preparaes-vos a ouvir rubras verdades,
Que vos hão de tisnar como carvões. . .

E se não receaes ver morto o Erro:
— Vinde á janella a ver o Grande Enterro,
E o desfilar das lividas visões.

(1) O Anti-Christo então em preparação.

A MORTE DO ATHLETA

(SYMBOLISMO)

O heroes! ó heroes! atletas estrangeiros!
viajantes que andaes á busca d'uma flor
mysteriosa e ideal, energicos mineiros,
sublimes corações que só sonhaes d'amor...
vós talvez morrereis da morte dos guerreiros,
um dia, ao pôr do sol, como este gladiador.

Vós talvez morrereis longe da patria um dia,
longe do amigo ceu que vistes á nascença,
longe do parreiral, da arvore sombria,
longe dos laranjaes sob que se ama e pensa,
sobre uma rocha nua, ou n'uma praia fria,
longe do vosso deus, longe da vossa crença!

E então erguendo as mãos, como n'um sonho ardente,
como um *vencido*...e olhando o Egoismo, a Ingratidão,
sentindo-vos morrer inevitavelmente,

lembrando a vossa aldeia, a infancia, a proscricção
talvez vos confesseis, amarguradamente,
—que não achastes nunca, oh! nunca, um coração!

Feliz inda comtudo o espirito-poeta!
que n'este desabar d'um mundo egoista e molle,
tendo perdido o Amor, a pérola secreta,
os astros do seu ceo, e um peito que o consóle,
poder inda expirar como o romano athleta,
— aos pés do seu Ideal, voltádo para o sol.

.....
.....
.....

Era uma vez um bravo e energico athleta,
forte como os heroes, rijo como as espadas.
Ninguem em Roma tinha a barba assim tão preta,
músculos mais virís, pernas mais bem talhadas.
Ninguem tinha esse olhar claro como a lanceta,
—mágico como a luz das pedras lapidadas.

As matronas fieis e as bellas virgens brancas
sentiam perturbar as suas noites puras,
recordando o seu talho, o busto, as fortes ancas,
seu perfil excedendo as gregas esculpturas,
e os seus braços virís, fortes como alavancas,
—bellos para apertar a linha das cinturas.

Ninguém amava o sol e as noites rutilantes,
a herva, o mar, a luz, como este saltimbanco. —
Ninguém tinha também túnicas mais brilhantes,
mais braceletes d'ouro e o olhar d'um firme franco.
Os peitos virginaes baliavam soluçantes,
— ante o seu busto altivo e o seu pescoço branco.

Vestaes e cortezãs, virgem ou messalina,
sentiam, como as mais, as rijas attracções
da energia do sangue e a força masculina
dos seus músculos d'aço e rígidos tendões,
ao vê-lo calmo, em pé, petulante a narina,
doirado, semi-nú, calcando os histriões.

De certo, as mais fieis matronas recatadas,
filhas, irmãs do edil, consul, ou senador,
sentiam perpassar, nas noites desmanchadas,
o imperio do perfil do extranho gladiador.
Mas elle tinha erguido, em rochas escarpadas,
— sagrado como um templo, o seu arisco amor!

Porém, por sua vez, o heroe da Roma esquiva,
gloria dos histriões, dextro no césto e lança,
que havia preso a loba, a Roma, essa lasciva
dos bordeis de Suburra, e preso pela trança...
amava uma mulher de marmore, uma altiva,
— amava sem remédio, amava sem esperança.

Era Livia o seu nome — E nunca as galerias
austeras e immortaes manchou dos seus Avós.
Jamais o Amor lhe fez velar noites sombrias,
e, erguendo as mãos, chorar, sobre o seu leito, a sós.
— Pólos! ha corações mais gelados que vós.
— Estátuas! não sois só as bellas coisas frias.

Embalde erguia as mãos, magras de um sonho ardente,
pelas noites febris, para o solemne céu.
Em vão elle exhibia um fato resplendente,
vencendo os histriões, heroes do poviléo.
Em vão, na via Appia, ia atravez da gente,
seguinto-a, como ao vento o pó d'um mausoleu.

Em vão ia passar as noites nas orgias
dos bordeis de Suburra, ás luzes amarellas.
Em vão ia, ao luar, á brisa das mar'zias,
sobre as aguas do Tibre errar nas noites bellas.
Em vão trepava, á noite, ás altas penedias,
pallido, a fronte em febre, ao frio das estrellas.

Em vão fez que lhe desse o tragico Tiberio
o bracelete d'ouro e o annel de cavalleiro.
Em vão fugiu, correu todo o romano imperio,
a Gallia, a Syria, o Egypto, o Oriente inteiro,
e, na Judea, viu ao Christo magro e serio,
ao sol posto, expirar em cima d'um madeiro.

Em vão correu a Lybia, as praias estrangeiras,
viu outros novos ceus, outros extranhos mares,
as rosas de Saron, as verdes laranjeiras,
as florestas da Gallia, a areia dos palmares,
e os prophetas Judeus, debaixo das palmeiras,
— magros, com largo gesto, erguendo as mãos aos ares.

Em vão elle viu Cypre, a bella ilha amena,
as Gregas sensuaes, brancas, dominadoras,
as bellezas de Cós, as tentações do Sena,
as Judias fataes, as do Ebro tentadoras,
e em cima d'um rochedo, á tarde, a Magdalena,
— chorosa, ao pé da cruz, rojando as tranças louras.

Em vão! Nunca a esqueceu! — Nem perto do inimigo,
nem junto dos leões, na paz, nos morticinios,
na areia do deserto, ou sob o tecto amigo,
entre as danças gentis dos batalhões virginios,
nem no vinho de Cós! nem no phalerno antigo!
— nem debaixo da hera e o myrtho dos triclinios!..

Quando chegou de Roma ás portas immortaes
sentiu seu forte amor mais joven renascer.
E o amor que busca a gloriá, as palmas triumphaes,
para as lançar aos pés pequenos de mulher,
accendeu-lhe de novo as attracções fataes
do Circo! o Circo immenso!... a gloria de vencer.

Mas mal no Circo entrou, depois de tantos annos,
sentiu como um terror fatal, desconhecido.
O arado das paixões, do Amor, dos desenganos,
desbotáram-lhe a côr, tinham-o envelhecido. . .
Com um terror d'escravo, ao pé dos seus tyrannos,
o gladiador sentiu-se incógnito e esquecido.

O primeiro que entrou foi um Gaulez membrudo,
um louro montanhez, um rude retiário.
D'um duro golpe só d'amalgamar o escudo
o gladiador lançou na arena o adversario.
Todo o povo applaudiu. — Só Livia, o labio mudo,
desfolhava uma flor, debaixo do vellario.

O segundo era um negro e athletico selvagem
com laivos de chacal no duro olhar sombrio,
nostalgico da luz, das sombras, da paizagem,
vasto como um deserto e fundo como um rio.
Depois de uma feroz e insólita carnagem,
sob os pés do Africano, o gladiador caiu.

O gladiador cahiu, cheio da pallidez
da dôr que lhe causou a espada d'aço fino,
e olhou a turba egoista, essa que tanta vez
o applaudira feroz, com um rugir leonino.
Mas viu o povo todo — em trágica mudez —
dedo apontado ao pó, frio, como o Destino (1)

(1) Quando o povo romano inclinava o dedo pollegar, para o pó do Circo, era signal de morte para o gladiador vencido.

O athleta encarou o povo novamente,
mas ninguem se mexeu. — Não perdoou ninguem.
Então o gladiador volveu o olhar ardente,
o derradeiro olhar extactico, ao seu bem...
Mas viu, cheio de horror! inexoravelmente,
— Livia o dedo fatal voltado ao pó tambem.

Ninguem póde narrar o seu sorriso extranho.
Ninguem póde exprimir o seu extranho olhar.
O triste coração do Homem é tamanho
como um convulso céu, ou como um fundo mar.
— Quem contará a dôr do escravo no seu lenho?
— Quem dirá o sorrir do heróe que vão matar?

De certo ha de ser duro ao peito grande e forte
sentir que a sua mágua a nenhum peito arou,
sentir que foi, no mundo, um náufrago que a Sorte
sobre um rochedo nú e trágico arrojou,
e vêr erguendo as mãos — pedindo a sua morte —
— seu marmóreo ideal, o idolo que amou!

O gladiador, então, ergueu-se de repente,
e pállido, affrontando as turbas aturdidas,
hírto, em frente de Livia, o idolo inclemente,
estas phrases soltou tristes e nunca ouvidas.
Como atravez do horror de um sonho incoherente,
vibravam-lhe, na voz, notas desconhecidas:

«Saúda o Cesar — disse — o athleta moribundo,
antes de abandonar o amphitheatro, o mundo,
onde a flôr do Ideal nunca viceja e médra...
Eu pois que vou morrer, inevitavelmente,
faço uma saudação estranha e dissidente:
-- Saúde, ó meu Amor! *meu Idolo de pédra!*»

Depois olhou o Sol. — Em meio da carreira,
elle vinha imitando o olho d'um dragão.
— E, ah! então, lembrou-lhe a sua vida inteira,
sua dôr, sua morte, a sua solidão,
a sua historia triste, arisca, aventureira,
sem jamais encontrar no mundo um coração!...

Lembrou-lhe tudo: a infancia e o sonho descuidado
na sua aldeia, em Chio, ao pé das carvalheiras,
o seu exilio em Roma, e o tempo torturado
sob o jugo servil das turbas estrangeiras,
depois a Gloria, o Circo, o seu amor frustrado,
— a musica da selva e o chôrô das ribeiras.

Porque, não fôra elle um rude marinheiro,
luclando com o Mar, os Ventos, o Revez,
sem recear da plebe o grito carniceiro,
nem temer o histrião calcando-o sob os pés,
e, uma noite, morrer por entre um nevoeiro,
— ou junto á loira amante, á lua das marés?...

Porque não fôra elle um lavrador queimado,
d'essas almas viris, heroicas, e felizes,
que conhecem sómente o feno do seu prado,
nunca viram o mar e os ceus d'outros paizes,
e que enterram ao pé d'um álamo copado,
á boa luz do sol, debaixo das raizes?...

E de novo accudiu-lhe á triste mente cheia
de sandades crueis, de rápidas lembranças,
aquella grande cruz no monte da Judea,
entre mulher's chorando e reluzentes lanças.
— E, então, quiz ser um heroe, morrendo pela Idêa,
e ouvido uma mulher chorar de longas tranças.

Mas era um gladiador, um histrião sómente,
escória de plebeus, e filho d'um liberto,
do qual o Povo Rei olhava indifferente,
sem mágua, a sua morte irremediavel, perto,
como o leão contempla as nuvens do Oriente,
ou como a Esphinge fita a areia do deserto!...

Não viria ninguém, de terras bem distantes,
como veio a Jesus José d'Arimathêa,
trazer o esquite novo, os cheiros penetrantes,
e o nftido lençol de preciosa teia!...
Nem feririam o ar gritos dilacerantes,
quando o seu corpo vil rolasse pela areia!

Não ouviria mais, pelos serões d'outono,
na tremula floresta o vento suspirar!...
E o seu corpo, votado aos córvos e ao abandono,
não teria um bom campo, um monte, ao pé do mar,
aonde os manes seus saíssem do seu somno,
— ouvindo o rouxinol e o pescador cantar!

Tudo isto lhe acudiu negro e tumultuoso,
rápido como o raio, ou sonho de mulher,
doce como a visão d'um bom paiz saudoso,
ao naufrago que vê a esp'rança fallecer...
Depois, com um sorriso extremo e doloroso,
dispoz-se o gladiador, emfim, para morrer.

Um pranto lhe rolou, lento e desenganado,
como o orvalho que cãe em resequida flor.
Porém quando, por fim, do tronco decepado,
a cabeça rolou aos pés do vencedor,
o carmezim do sol tornava ensanguentado
aquelle pranto. — Assim morreu o gladiador.

FIM

ALGUMAS PALAVRAS

ALGUMAS PALAVRAS⁽¹⁾

NOTA À PRIMEIRA EDIÇÃO

Achâmos sempre de supremo mau gosto vêr o auctor, na sua propria obra, demorar-se complacientemente n'um prologo, como que fabricando uma auréola.

Por isso, isto não é a demorada profissão de fé d'um poeta novo, nem a rhetórica pomposa e estéril de quem intenta dar realce a um livro. — E' apenas uma explicação.

Este livro, producto d'uma inspiração meridional e algumas verdades heroicas, não se filia, exclusivamente, em nenhuma escola conhecida.

E' uma obra na qual influiram muitas e varias correntes do espirito humano, e muitas impressões, muitas nobres ideas do seu tempo.

No entanto, o auctor conhece que fez uma obra sua, com ho-

(1) Rogâmos a todos os leitores — *sobretudo aos esthetas* — que não deixem de lêr as *erratas importantes*, logo em seguida a esta nota, pois que não é possível sempre n'um volume de mais de tresentas páginas evitar que não deslize um erro, que bastas vezes estropia um verso, outras, lhe desfoga o sentido, mas gráo toda a escrupulosa revisão.

risontes particulares e pontos de vista seus, e não apenas uma synthese das ideas dominantes de qualquer escola aplaudida.

Na mysteriosa, singular, e complicada elaboração intellectual do espirito humano, qual será o auctor assás sincero que possa sempre assignalar, com segurança, a origem d'uma idea, ainda que essa idea seja tão luminosa como a rotação da terra, a descoberta da alavanca, ou a criação de João Valjean?

Quem poderá dizer á borboleta, ao lyrio, ao monstro marinho, e áquellas aves singulares da America que têm todo um arco celeste de tintas nas plumas, a parte que elles devem na vida, nas côres, no aroma, nas plumagens, ao Sol, ás nuvens, aos ventos — e a todas as forças chemicas da Natureza?

Do mesmo modo tambem, as grandes sementes que espalharam os espiritos que nos precederam, ou as d'aquelles que ainda hoje arroteiam o campo, fazem desabrochar uma infinidade de pomos intellectuaes, na grande planicie dos seculos, por aquelle mesmo trabalho lento e maravilhoso, pelo qual o Sol vae preparar, ao mais fundo da terra, o diamante.

E assim é facil, por um contraste notavel, n'um dado espirito poderem ter operado as influencias da leitura de Proudhom, de Cicero, de Vico, de Dante, de Baudelaire, de Renan, Voltaire e de S. Agostinho: e d'ahi, depois, crear-se uma entidade tão diversa d'estas entidades, em particular, que nenhum d'elles o teria por discipulo.

Quem poderá assignalar a S. Jeronymo, o grave doutor da Igreja, o aspero e cavado ermita do mosteiro de Betlem, a influencia que tiveram nos seus escriptos o estylo delicado de Cicero, Horacio, ou dos licenciosos poetas pagãos? Nenhuma influencia se operou talvez visivel: mas talvez muitas secretas e particulares.

E' por isso que compete ao escriptor trabalhar a sua idea, lapidal-a, polil-a, desenvovel-a, facetal-a, de maneira que ella seja como que um grande élo em que se vão encatenar um ro-sario luminoso d'outras novas, e que ella saia transformada

d'esse vasto laboratorio intellectual, por um processo mysterioso semelhante ao do que faz a Natureza, transformando da lagarta a borboleta, do carvão o diamante, e da ostra doente a pérola.

O escriptor é um producto litterario do seu tempo, das suas leituras, do seu temperamento, do seu estudo: — e obedece, mais que tudo ainda, á sua consciencia e á influencia do Sol sob que nasceu.

O poeta que não obedece a nada d'isto — não é um poeta na grande accepção da palavra. E' um plagiario, um parasita que vive da imitação servil dos outros, e que é tão digno de se agremiar a elles como o sapo de fazer união com as borboletas.

E' por isso, pois, que este primeiro livro é d'um meridional: mas d'um meridional moderno, que celebra o Sol por que desperta o homem para a Acção, para a Vida, para o Trabalho, e que achou curioso, — no seu tempo — fazer um livro de vida, d'imaginação, de ironia, de sol, de liberdade — o mais heroico dos ideaes.

Mau grado algumas affeições litterarias dos começos do auctor — entre as duas escolas modernas de que tanto se tem discutido, o *satanismo* e o *realismo*, não preferiu nem uma, nem outra.

O *satanismo*, por que tem uma philosophia absurda que consiste em querer ao eterno equilibrio do Bem e do Mal, em que se baseia a harmonia da Natureza, que assombrava Rousseau e que lhe valeu de Voltaire a sangrenta sátira do doutor *Pangloss* — antepor, pertinazmente, o predomínio do Mal.

E o *realismo*, reduzido ás condições de escola — isto é de convenção — por que debaixo d'uma vã rhetorica, e apparencia d'analyse, de critica, de experiencia, revéla o sordido e o obsceno, ou cáe como o *satanismo* na preocupação do Mal em tudo, e a descrevel-o: — o que é mais desagradavel ainda.

Na pintura o *realismo*, com processos exagerados, e abusando das minuciosidades, tem procura lo impôr-se pela verdade, ora

procurando o *feio*, com um furor como nunca a Arte Antiga se lançou no Bello; ora, abusando dos pormenores, como se a pintura podesse retratar a Natureza, e se o fim da Arte não fosse servir-se d'ella como meio.

Alguns pintores inglezes da escóla realista chegaram a fazer quadros curiosissimos de serem analysados a microscopio: —tal era a fidelidade e o rigor das *menores* cousas.

E, comtudo este exagero não póde nunca dar senão a consciencia ou a medida d'um talento d'um artista, e não a vastidão d'um genio, que não póde nunca restringir-se a pequenos effeitos visuaes, ou á fidelidade.

Alem d'isso, se a simples fidelidade fosse a maior aspiração da Arte, o microscopio d'um observador inglez teria direito quasi a procurar na pintura de um copo d'agua os animalculos que a povôam.

Todas as extravagancias da escóla bolonheza, de Paulo Veronezo e seus seguidorês, ostentando em todos os quadros as magnificencias da architectura, d'entre os quaes um d'elles ficou mui celebre, as *Bodas do Canadá*, não teem nada d'exagerado em relação ao furor, e á preocupação quasi comica do *feio*, que domina Courbet e os seus neóphitos.

Os poetas realistas,—esses mais declamadores do que profundos, mais horriavelmente minuciosos do que verdadeiros, teem feito um mundo de mulheres perdidas, de Manfredos de crápula, de trufas, de velludos, e de lepras, e teem-se posto n'uma tal gamma d'inspiração, simulando a sciencia, e affectando chamarrem ao diamante *vil carvão*, que teem tirado a poesia a tudo:— á arvore, á flor, ao diamante, e até ao carvão.

Estes são os exageros em que ultimamente tem caído esta escóla, e dos quaes já agora morrerá.. descrevendo ainda uma pústula.

Entre pois estas hesitações e absurdos d'escólas, o auctor achou melhor não preferir nenhuma, reservando todas as suas afeições para uma poesia mais sadia, forte e verdadeira, e que

não despreze nem o amor, nem a imaginação, nem a liberdade

Esta poesia nova, que procura o seu caminho tão gloriosamente, no meio d'estes tempos tão turbados, já certa de triumphos verdadeiros, e a que alguns teem chamado o *Humanismo*, é a que comprehendendo o homem com todas as suas paixões e as suas virtudes, nem deprimindo o scepticamente, nem fazendo-o perder chimericamente nos astros, ha de estabelecer o verdadeiro equilibrio entre o *ideal* e o *real*, e mirando, como a philosophia, a melhorar a humanidade e a alargar o ideal humano, ser digna da nobre missão que n'estes tempos lhe está confiada.

Mau grado as vãs declamações ultimas contra o *lyrismo*, por alguns pregõeiros d'uma theoria de que não ouviram senão a primeira palavra, o auctor está convencido de que a verdade, a pureza, o sentimento são e foram sempre os distinctivos d'um verdadeiro artista, e que aquelle poeta que jámais cantou a Mulher e o Amor, é um ente tão dúbio na Sociedade, como um sacerdote da deusa *Tani*, em Carthágo.

Alem d'isso, recorda-se e recorda aos declamadores levianos que Lucrecio no mais bello e admiravel poema philosophico sobre a Natureza, que se tem escrito no mundo, *De natura rerum*, começou por uma elevada invocação a Venus:—que é a Mulher na antiguidade feita Deusa.

Hoje, um poeta moderno que tem um ideal da mulher muito mais nobre, mais puro, mais casto, devido á philosophia christã, por que não ha de de tratar de a engrandecer, de a elevar e distinguir, dando-lhe—como Philosophia e como Arte—o papel que ella tem direito a representar na sociedade—banindo dos seus livros o ideal da cortezã?!

O auctor, no seu livro, apenas duas ou tres vezes alludiu a ellas, e foi para as lamentar, e, talvez, injustamente, para as condemnar.

Injustamente: porque a bondade é tambem uma justiça superior: e uma das grandes missões do poeta é a, d'além de ser justo, ser bom.

E em nenhuns tempos a missão do poeta foi tão grande de cumprir como hoje.

Uma pretenciosa e depravadora lépra lavra na sociedade: uma enorme corrupção de gosto e de ideal nas letras. O jornalismo, a parte mais saliente e deficiente da litteratura portugueza, tóma sobre a desgraçada ignorancia geral um ascendente que seria comico, se não fosse para lamentar, e inváde, como, uma grande corrente sem dique, a opinião publica, reduzindo a Economia, a Arte, a Política, a Philosophia, a questões de visinhas despeitadas.

A Mocidade, de quem ha tanto a esperar, explóra avidamente o *bel esprit*, que tanta indignação causava a Rousseau, todo forjado segundo os moldes mais deploraveis do espirito sem ideal francez, e que está para a verdadeira ironia austera e demolidora, como Proudhon está para uma *cocotte*, e o sentimento de Chénier está para o sentimentalismo de salla de Feuillet.

Tendo-se o auctor feito conhecer por algumas poesias liberaes, muitos perguntarão talvez a rasão por que não deu, no seu livro, mais latitude á ultima parte.

Essa razão foi unicamente a de não querer fazer um livro exclusivamente didactico, e por que as poesias que publicou, e que entravam no plano do seu livro, lhes restringiram o espaço.

Alem d'isso, porque tambem, as luctas religiosas da Allemanha, os eternos combates entre a Egreja e o Estado lhe haviam feito conceber o plano do *Anti-Christo*, onde mais latamente poderia desenvolver algumas theorias e tratar questões do mundo politico e religioso.

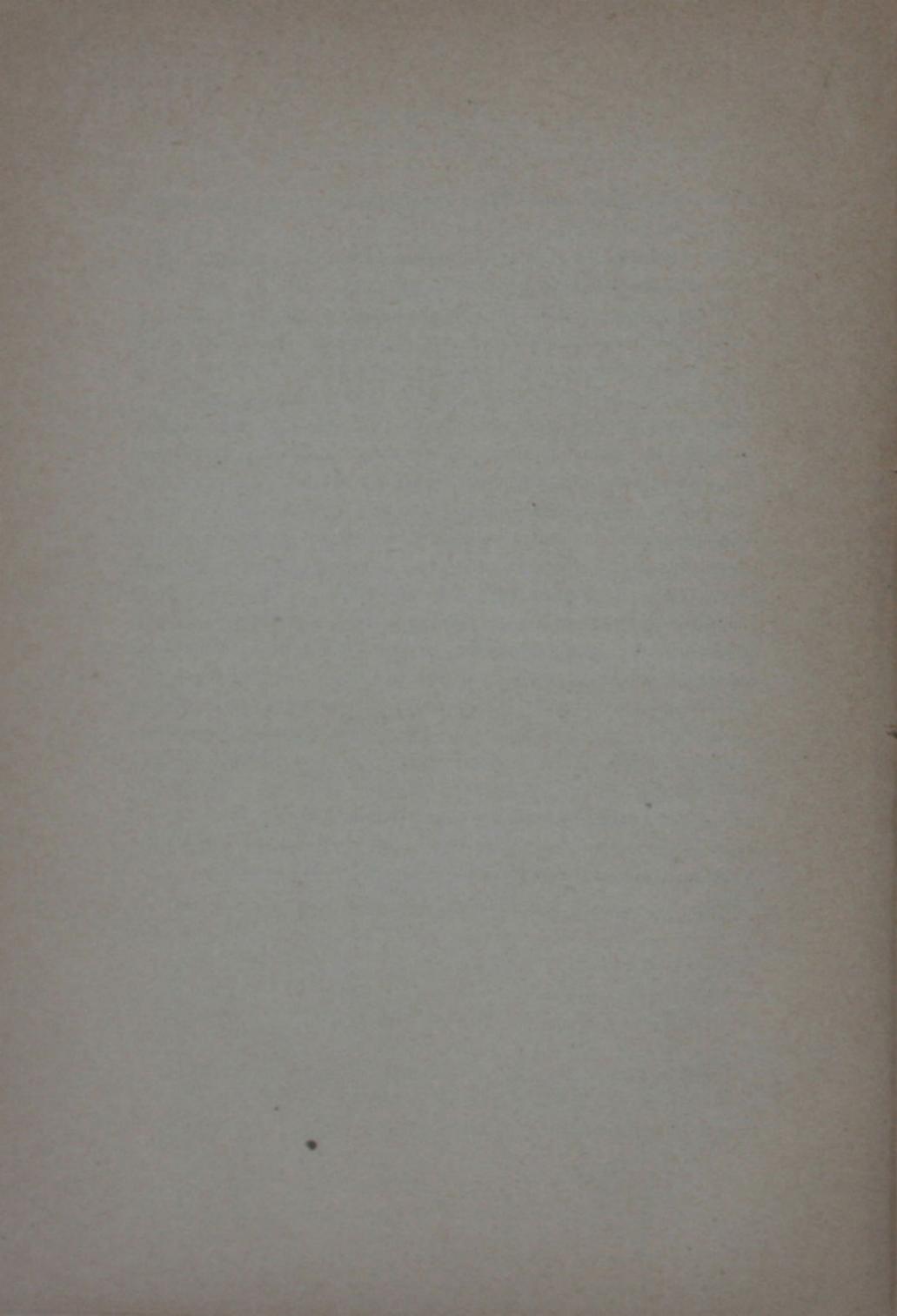
Quanto a esta obra, seja qual fôr o logar que a Critica lhe faça occupar, ella não é mais do que a primeira pedra d'um edificio que existe todo construido na imaginação do auctor.

Mas, por muito insignificante que ella seja, elle recorda a todos que se teem visto n'uma sociedade esterilisadora, em lucta continua com um Ideal novo e grande, como Jacob toda a noute

com o anjo, que o seu desejo constante foi sempre fugir do *exagero* e do *mau gosto*.

Se nem sempre o conseguiu—ainda assim os justos e os fortes, pela sua vontade, o saberão apreciar.

Taes foram as palavras que escrevemos, aos vinte annos, na nota da primeira edição. Pouco mais temos que accrescentar-lhes hoje, senão talvez a explicação do titulo que demos ao livro, e que um preclaro escriptor, já fallecido, ao enaltecer a obra, taxou todavia de immodesto. *Claridades do Sul* é a idealisação da poesia do Sol, das Arvores, das Flôres, da Música, das Paisagens, do Amôr, da Vida, e do Sonho: — emfim de toda a idiosyncrasia d'estas regiões suaves e musicas do Occidente: d'estes paizes floridos, lendarios, e sonóros do Meio Dia, por onde trotou o heroico D. Quixóte e gemeu a guitarra de Almaguiva: onde gargalhou ruidosamente Rabelais. muito antes de Mephistopheles ter feito retumbar as suas gargalhadas sonóras na Germania: onde floresceu o senhor Pantagruel e Petrarcha suspirou sob os varandins da Renascença: onde devaneou Romeo e gemeu o lyrico Bernardim: e, finalmente, onde palpita esta sonhadora alma cavalheiresca, irónica, amorosa e ao mesmo tempo mystica do Sul, n'estas claras regiões benzidas pela Luz, e alagadas e lavadas pelas *celestiaes claridades*. O assumpto era de certo amplissimo, e o commetimento audaz. Mas o que é que não supõe, acaso, aos vinte annos, poder ousar e triumphar a aventureira Mocidade?— Eis tudo. Mais nada.



ERRATAS IMPORTANTES

A pag. 41, verso 10 deve lêr-se :

E já rôxo na Cruz, como um sol posto,

A pag. 202, verso 3.º :

Eu que nos astros leio.

A pag. 206, verso 8.º :

E o sangue dos nossos males.

A pag. 206, verso 12.º :

E as desgraçadas Rainhas.

INDICE

INDICE

	PAG.
PRIMEIRA PARTE. — INSPIRAÇÕES DO SOL.....	9
Hymno ao Sol.....	11
A janella do Occidente.....	14
Os Santos.....	15
D. Quichote.....	16
O Publicano.....	18
A lyra de Nero.....	19
Mysticismo humano.....	20
Os monges de Zurbaran.....	24
A bella flôr azul.....	28
Hora do meio dia.....	29
Cantiga do campo.....	30
A aguia.....	32
Accusação á Cruz.....	33
Luthero.....	34
A terra.....	35
O ouro.....	37
O Budhá.....	38
No Calvario.....	40

	P g.
Héli ! Héli !	41
As aldeias	42
Benefícios e philosophia do Sol	44
Disputa,	45
As cathedraes	46
Lycanthropia	47
O Peccado	50
I Ubique Dæmon	50
II O Peccado	51
III A Cidade	52
IV O Inimigo	53
V Em toda a parte	54
VI Á janella	55
VII Ella	56
Soneto d'um poeta morto	57
A uma judia	58
A visita	60
Palacios antigos	61
Kain	63
Chrysanthemus	64
A uma noiva	66
Pequeninos nós	69
Flôres, flôres !	71
A primavera	74
SEGUNDA PARTE. — REALIDADES	75
Accusação a Christo	77
De noite	78
Aquelle sabio	81
Na taberna	83
Os lobos	85
Miséria occulta	92
Lisboa	94
A sésta do senhor Gloria	97

	PAG.
Farça triste.....	100
Madrigal na rua.....	103
A lua morta.....	104
Palavras a um enforcado.....	108
TERCEIRA PARTE — A CARTEIRA DE UM FANTASISTA.....	113
Antes de abrir a carteira.....	115
A noite do noivado.....	117
A tortúra das chiméras.....	118
Tarde de verão.....	121
Na cabeceira d'um leito.....	124
Madrigal excentrico.....	125
Aquella orgia.....	129
O Visionario, ou Som e Côr.....	132
Madrigal fúnebre.....	136
Debaixo de uma janella.....	139
A selvagem.....	143
A lanterna.....	144
Última phase da vida de D. Juan.....	145
A ultima ceia de Falstaff.....	127
Falstaff Moderno.....	148
Na rua.....	150
Phantasias da lua.....	151
O selvagem.....	155
O amor do vermelho.....	157
A um corpo perfeito.....	158
Carta ao mar.....	159
A lenda das Rosas.....	160
No enterro d'um coração.....	164
A joven miss.....	165
O doente romantico.....	166
Quadra d'um desconhecido.....	167
Em viagem.....	168
Noites de chuva.....	170

	PAG.
Idyllo meridional.....	172
Duas quadras de Diogenes no album de Lais.....	174
A camélia negra.....	175
A ultima serenada do Diabo.....	177
A musa verde.....	179
Idyllio d'aldeia.....	181
Carta ás estrellas.....	184
Na folha d'um livro.....	185
Os brilhantes.....	186
O astrologo.....	187
Nevrose nocturna.....	188
QUARTA PARTE. — MYSTICISMO.....	139
Dedicatória.....	195
Os deuses mortos.....	196
Debaixo daservas.....	197
A uma voz celeste.....	200
A pomba que voou.....	203
Tristissima.....	205
Idyllo triste.....	207
A um lyrio.....	209
A uma andorinha.....	212
Entre os arvoredos.....	215
Confissão a uma violeta.....	217
A sua camara.....	218
Rosa mystica.....	222
Junto do mar.....	223
Doente.....	226
N'um cemiterio.....	229
A casinha branca do valle.....	230
O triste monge.....	234
A senhora de Brabante.....	236
Senhora dos olhos verdes.....	240
A morta.....	243

	PAG.
A súplica de Ophélie	247
Despedida ao Sol.....	249
QUINTA PARTE — HUMORISMO.....	251
A aranha.....	253
Nova ballada do rei de Thule.....	254
Phantasia d'um aborrecido.....	257
El Desdichado.....	261
A Valentina de Lucena.....	262
Phantasias.....	263
A Biographia de Satan.....	264
Agua furtada d'um original.....	270
Bilbete d'um estudante.....	274
A lady.....	277
Dedicatoria d'um livro.....	278
Humorismo mystico.....	280
O Iannibal.....	283
Romantismo.....	284
Aventuras.....	286
Inconveniente de matar a mulher.....	287
Um blasé.....	288
O Velho.....	289
O Pae da Humanidade.....	290
SEXTA PARTE.—RUÍNAS.....	295
Farrapos.....	297
Aos vencidos.....	306
O mundo velho.....	307
Aos vencedores.....	311
A Canalha.....	313
O novo livro.....	319
A morte do Athleta.....	320
Algumas palavras.....	331
Erratas importantes.....	341



PREÇO 600 RÉIS

